

# OS CURSOS DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA TÊM FUTURO?<sup>1</sup>

Madalena de Oliveira Molochenco<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo discute várias causas da redução de alunos que buscam a formação em Educação Religiosa nos seminários teológicos.

Palavras chaves: Educação, Educação Religiosa

É uma alegria muito grande poder participar da discussão deste tão importante tema mas ao mesmo tempo de difícil resposta. Durante esta fala vamos tentar explicar porque consideramos difícil.

Em muitos seminários já é perceptível a perda de alunos não somente nos cursos de Educação Religiosa, mas também nos cursos de Música Sacra e Teologia de uma maneira geral.

Como não há uma pesquisa de campo realizada sobre o assunto, procuramos avaliar, ainda que empiricamente, o tema em busca de sua melhor compreensão e de suas causas. E assim, apresentamos este ensaio como uma contribuição para que outros possam tomar ciência deste tão importante tema e prossigam em sua compreensão.

## 1. Falta de incentivo em Educação Religiosa

A falta de incentivo, especialmente em nosso país, na área de educação não é uma novidade nos dias de hoje, está presente na História da Educação há muito tempo. É alvo de discursos políticos em época de eleição, mas esquecido após a posse dos eleitos. Além disso, apesar de alguma melhoria constatada nos últimos anos, vivemos num país reconhecidamente fraco na área educacional, e isso é notícia comum nos meios de comunicação. Deste modo, é possível aqui lançar uma causa para o dilema que estudamos, pois se nosso país se apresenta fraco na educação como um todo, seria diferente na Educação Teológica ou na Educação Religiosa?

Como mudar a imagem educacional de uma igreja e sua importância no inconsciente dos membros e dos líderes e pastores? Afinal, eles foram formados na visão educacional do país e na fraca figura que uma escola e um professor representam. Recentemente conheci uma igreja numa cidade próxima a São Paulo, que construiu sua nova sede em três andares: uma garagem, um salão de festas e um salão de cultos. Onde estaria o espaço

educacional desta igreja? Não figurou nos planos de construção daquela igreja. Outra experiência que é possível mencionar é que há anos atrás trabalhei numa igreja em que os planos de construção se limitavam a considerar a quantidade de alunos matriculados na Escola Bíblica Dominical da época, sem considerar a sua expansão.

Assim, as dificuldades no desenvolvimento dos processos educacionais brasileiros afetam a educação como um todo e isso inclui a Educação Religiosa e conseqüentemente os formadores de educadores para a Educação religiosa, chamados por nós de Educadores Cristãos, que por sua vez estão engajados na Educação Teológica. A Educação Teológica e a Educação Religiosa sofrem como sofre todo o processo educacional neste país, pela falta de visão, priorização e pela falta de incentivo. Os próprios organismos denominacionais exigem o envolvimento na formação de educadores religiosos, mas há pouco investimento nas escolas teológicas e a Educação Religiosa conseqüentemente sofre também. Como fazer para que pastores compreendam a necessidade de se desenvolver a educação religiosa na igreja? Muitas vezes nos cursos de teologia as disciplinas da área de educação geralmente não são priorizadas e, muitas vezes, até nem constam na matriz curricular. Eis aqui uma das principais causas da falta de alunos nos cursos.

## **2. Novas exigências na formação do educador no Brasil conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**

É possível considerar a mudança da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que em 1996 teve uma nova edição alterando profundamente o funcionamento do sistema educacional brasileiro. E isso pode também ser uma das causas da perda de alunos dos cursos de Educação Religiosa.

Dentro de nosso quadro de crises, nos defrontamos com a crise de que boa parte das pessoas que se envolvem com a responsabilidade da Educação Religiosa nas igrejas não consegue uma remuneração e em muitos casos que tem sido possível perceber, a remuneração é parcial. Isso tudo leva o educador religiosa a ter de procurar outras fontes para compor o seu sustento, de modo que a sua dedicação ao ministério eclesiástico do ensino fica prejudicada.

Aqui está a minha conexão com a LDB que diz no **art. 62** que

a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e na quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade normal. (LDB 9394/96)

Desde então, no Estado de São Paulo foi estipulado um prazo para

que as professoras em vigor pudessem buscar esta formação superior para que não perdessem suas turmas. Muitas Instituições de Ensino Superior (IES) criaram cursos de Pedagogia e de Normal Superior, para suprir esta nova demanda.

Bem, agora vamos à Educação Religiosa. Se as igrejas não oferecem condições de sustentar seus educadores é possível inferir que eles têm de procurar outras fontes de renda, sendo assim, boa parte busca trabalho, e conseqüentemente sustento, nas escolas de educação básica em período parcial ou total. Vamos pensar agora na jovem que tem um chamado, uma vocação, mas tem de pesar todas as circunstâncias na busca de formação em Educação Religiosa. Nesse ambiente ela vai acabar sendo motivada a buscar prioritariamente a sua formação na área de Educação e depois, se houver recursos, pensará na sua formação no campo da Educação Religiosa.

Associado a isto, é preciso considerar que as agências missionárias tem focalizado o envio de profissionais para os campos no exterior de modo a ser valorizada mais a formação secular do que a educacional religiosa. Isto acaba também fortalecendo a busca pela formação secular em detrimento da religiosa e acaba se constituindo em mais uma razão porque jovens buscam outros cursos tais como, Psicologia, Enfermagem, Fisioterapia, Educação Física, etc. De modo que é possível atribuir a isto também uma das causas da redução de alunos nos cursos de Educação Religiosa.

### **3. A mudança da igreja: a nova igreja**

É possível considerar no momento o surgimento de novos modelos de igreja. São as igrejas contemporâneas que chegam com propostas diferenciadas das chamadas igrejas tradicionais. Entre esses modelos de igreja é possível citar: Igreja com Propósitos, Igreja Total, Igreja em Células, Rede Ministerial, etc. O sistema de Rede Ministerial, por exemplo, é uma modalidade que alterou conceitos de mobilização e despertamento de voluntários e líderes, apesar de não se apresentar como modelo de igreja, mas sim como uma ferramenta a ser utilizada.

Ainda que os divulgadores desses e de outros modelos de igreja insistem que não se deve copiar o que lhes é passado, mas adequar à realidade da igreja local, a adoção de qualquer modelo tem promovido alterações nas estruturas das igrejas. Muitos líderes e pastores acabam adotando algum modelo em particular ou uma mistura entre eles, especialmente com o argumento de que funcionam de modo a levar a sua igreja a se mobilizar ou a dar mais resultados. Com isso, é possível perceber no campo da prática que a área educacional das igrejas acabam sendo afetadas.

Não é o caso aqui de defender nenhuma destas novas linhas, modelos ou ferramentas, mas entender este novo fenômeno que atinge a área educacional da igreja e conseqüentemente a área de formação de educadores

religiosos por intermédio da Educação Religiosa inserida na Educação Teológica. O que é possível questionar neste ponto é se com a adoção de algum novo modelo de igreja a área educacional da igreja foi aperfeiçoada ou foi colocada na lista de suas prioridades. Em alguns casos é possível responder afirmativamente, em outros nem sempre. O tempo vai dar as respostas.

Mas aqui também se encontra outro motivo para a desmobilização de educadores religiosa para a igreja local e a conseqüente redução de alunos nos cursos de Educação Religiosa em nossos seminários.

#### **4. Um novo paradigma educacional – Novas formas de entender a Educação religiosa**

Maria Cândida Moraes em seu livro: *O paradigma educacional emergente* (1997), nos faz refletir algumas questões ligadas aos nossos paradigmas educacionais. A maneira como temos desenvolvido a Educação Religiosa até hoje apresenta uma teoria de aprendizagem implícita. Como educadores sempre executamos e ensinamos outros a executarem. Estou chamando de educadores, nós, os representantes das Instituições, os professores. Lemos diversas vezes os manuais, bons manuais, com informações preciosas. Mas não nos foi ensinado em que bases ou quem escreveu ou de onde procediam tais práticas. Fomos ensinados no FAZER.

Agora, as igrejas se deparam com um novo FAZER. Os educadores se perderam e os modelos tradicionais foram criticados mais uma vez. Mas também é possível perceber que nestes novos modelos de igreja e até mesmo de educação para a igreja, também não demonstram ter alguma fundamentação teórica. Ou, em outras palavras, não é ensinado como o conhecimento se dá ou ocorre. Entretanto, são apresentadas muitas apostilas, lições, todas muito bem enumeradas e graficamente compostas. A questão aqui não é criticarmos os irmãos da outra América, pois eles estão certos uma vez que criaram tais práticas para suas igrejas, em seu contexto. Temos de levantar a crítica para nós mesmos que aceitamos os modelos sem uma avaliação criteriosa. Há muito material que podemos traduzir e usar, mas quando somos como que congestionados, quase que atropelados por um monte de informações e porque não dizer, invadidos por um grande “merchandising” em nome do evangelho, em nome do crescimento da igreja, sem uma criteriosa análise e contextualização estaremos incorrendo em grave erro.

Moraes (1997, p.18) nos leva a pensar em um modelo educacional que possa ser “capaz de gerar novos ambientes de aprendizagem”, que deixe “de ver o conhecimento de uma forma fragmentada, estática” e o reconheça “como um processo em construção a ser desenvolvido num contexto dinâmico do vir-a-ser”

A autora propõe um paradigma educacional **Construtivista, Intercionista, Sóciocultural e Transcendente**.

Por **construtivista** ela nos propõe que o ser humano está em constante processo de transformação diante de sua ação no mundo, na sua relação constante com o objeto. Fala-se em aprender a aprender, em construção do conhecimento, de inteligências múltiplas. Para a autora, pensar é o resultado de uma construção, da ação do indivíduo sobre o objeto, da transformação do objeto e que tem o educando como centro gerador em processo constante de construção. Como mobilizar novos saberes em Educação Religiosa? Como mobilizar novos saberes em Educação Teológica? São alguns de nossos próximos desafios.

A autora se vale da expressão **interacionista** por reconhecer que o sujeito e o objeto estão em constante movimento de interação com o meio ambiente e “um modifica o outro e modificam-se entre si” (1997, p.25). Esse modelo não aceita a repetição sem a compreensão, pois entende que a ação sujeito-objeto não pode ser estática mas que deve envolver movimento, participação para a construção. Propõe o trabalho em grupo para o compartilhamento de idéias, informações, desenvolvimento da responsabilidade e do espírito de cooperação. Se pudéssemos ser assim talvez vivêssemos num mundo menos individualista.

Por **socio-cultural** a autora entende o homem como um ser de relações, interagindo constantemente através do diálogo com seus pares e com o mundo físico. Ela focaliza a expressão do ser humano diante da realidade, saindo de seu mundo interior e expressando-se em ações para a transformação.

Por **transcendência** ela compreende a tentativa da pessoa “*ir além, ultrapassar-se, superar-se, entrar em contato com a totalidade indivisível, compreender-se como parte integrante do universo, onde todas as coisas se tocam entre si como seres interdependentes e separáveis de um todo cósmico*”

Comênio dizia que o ser humano é privilegiado pois entre os seres é o que pode manter contato, relacionamento com o criador. O ser humano é aquele que pode desenvolver sua capacidade de autocompreensão, autoconstrução, autocosciência numa busca constante de metacognição.

De certa forma, nosso modelo tradicional contempla estas dimensões apresentadas pela autora, mas deixa muito a desejar no que diz respeito a possuir uma clara fundamentação teórica da Educação Religiosa, de modo que nos faltam bases teóricas que norteiem nossa ação educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a questão inicial não tenha sido plenamente respondida, a possibilidade de não existirem mais os cursos de Educação Religiosa tem se tornado realidade. Assim, temos diante de nós um grande dilema. Se a educação é para o futuro, isto é, é o lado estratégico que garante o forneci-

mento de líderes com qualidade para assegurar a formação e capacitação da igreja, que futuro esperamos ter?

Vamos lembrar que, por volta do ano de 1630, Comênio já falava de uma formação integral do ser humano e afirmava que o desenvolvimento do ser humano deveria visar a **Razão ou Conhecimento**, a **Virtude ou as Atitudes** e a **Piedade ou o encontro do homem com seu criador**. Ele também colocou sobre a sociedade eclesiástica e sobre o Estado a responsabilidade de educar, aliás, sobre todas as pessoas, pois dizia que todos são educadores. Como viver sem educação? Como educar sem educadores? Como não ter escolas de formação de educadores?

Mas agora a pergunta que nos inquieta: Qual escola? Qual formação? Qual educador? Para qual realidade? Para qual igreja? Como falar de um novo modelo de educação, de um novo paradigma educacional se a igreja contemporânea passa por uma crise de identidade? Como estabelecer modelos fechados em si mesmos se vivemos num país de tanta diversidade cultural?

Fica para os seminários teológicos o desafio de estudar o assunto mais profundamente em busca das respostas, afinal um seminário teológico acabam sendo centros de pesquisa em educação religiosa, não adianta esperar que a igreja local possa fazer isso. Será preciso também estudar os fenômenos que aí estão presentes na busca quem sabe de uma *Teoria em Educação Religiosa*. Será preciso deixar de lado nossa tradição reprodutivista e buscar algo que atenda a demanda das igrejas e da Educação Religiosa brasileira.

Bibliografia (um ponto de partida)

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

BORGES, Inez Augusto. *Educação e personalidade: A dimensão sócio-histórica da educação cristã*. São Paulo: Mackenzie, 2002.

<sup>1</sup> Palestra proferida na XVI Conferência da ABIBET em 13 de outubro de 2004, na cidade de Aracruz, ES.

<sup>2</sup> A autora é Bacharel em Educação Religiosa; Bacharel em Pedagogia; Pós-graduação em Magistério do Ensino Superior; Lato Sensu em Psicopedagogia; Mestra em Distúrbios do Desenvolvimento. É Coordenadora Acadêmica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.